



## DIAS DE METAMORFOSE: ALQUIMIA VEGETAL NA CASA-CASULO

Greice Cohn<sup>1</sup>  
Colégio Pedro II/UFRJ  
sim

**Resumo:** Esse trabalho versa sobre memória, impermanência, tempo, recriação. Traduz o processo e alguns resultados de uma imersão na casa de veraneio familiar na ilha de Itaparica (desde 1967), na iminência de sua venda. Embrenhei-me ali sozinha por oito dias em 2020, fazendo de minha casa uma residência artística, em busca de atravessar e processar despedidas. A impressão botânica com as folhas do quintal foi o caminho escolhido para dar forma às minhas próprias impressões, reflexões, expressão e reconfiguração.

**Palavras-chave:** memória; impermanência; casulo; impressão botânica.

**Abstract:** *This work is about memory, impermanence, time and re-creation. It translates the process and some of the results of an immersion in my family's summer house on the island of Itaparica (since 1967), on the verge of being sold. I immersed myself there alone for eight days in 2020, turning my house into an artist's residency, looking to go through and process goodbyes. Botanical printing with leaves from the yard was the path chosen to give shape to my own impressions, reflections, expression and reconfiguration.*

**Key-words:** *memory; impermanence; cocoon; botanical print.*

---

<sup>1</sup> Artista visual, Doutora em Educação (UFRJ/PARIS 1, 2016); Profª titular de Artes Visuais do Colégio Pedro II (1994-2018); dos Cursos de Especialização em Ensino Contemporâneo da Arte (CESPEB/UFRJ e Colégio Pedro II, 2019-2020); do Curso *Devir de casa* (2021-). Pesquisa visual em pintura e vídeo. Principais exposições: *SER E TER: a resistência dos materiais* (Midrash, 2019); [V]ENTRE (Memorial Getúlio Vargas, 2023); *CASA DE MULHERES* (MAM/Bahia, 2024); *CÔNCAVA* (Recipiente Porongo/RJ, 2025). <http://lattes.cnpq.br/4232722113305944>



## ALQUIMIA VEGETAL NA CASA-CASULO

A venda era inevitável. Alguns se foram, outros mudaram-se, envelheceram; outros chegaram e cresceram. A família multiplicada não tinha mais condições de gerir o berço comum. Carente de cuidados, a casa resistia, povoada por lembranças, esperanças e a presença dos ausentes. Responsável pelo processo de venda, me percebi atenta ao destino que os novos proprietários poderiam dar às mangueiras-árvores-mãe de nossas infâncias – que, admiravelmente, continuavam frondosas e alheias ao abandono, a quem vai e a quem fica. Secretamente, eu mapeava os candidatos pelos indícios de sua sensibilidade ao quintal, numa relação afetivo-visceral que culminou na decisão de ir à Itaparica e me refugiar na casa-ninho, no meu quintal maior do que o mundo (BARROS, 2015), berço de sonhos, chão de minha vida. “Se voltamos à velha casa como quem volta ao ninho, é porque as lembranças são sonhos, é porque a casa do passado se transformou numa grande imagem, a grande imagem das intimidades perdidas” (BACHELARD, 2008). Me recolhi sozinha (nem tanto) na velha casa por oito dias. Abri portas, armários, janelas. Dormi, tive insônias; madruguei, cozinhei, escrevi, fotografei, filmei; contemplei, ouvi a chuva, o farfalhar das folhas, o canto dos passarinhos. Lembrei, lembrei, sorri, sorri; chorei, chorei e criei uma rotina de trabalho. De botas, embrenhei-me no quintal onde o mato a tudo invadia sem dó nem pena de ninguém (a natureza não pede licença: existe). Catei e colhi folhas de todas as árvores e fiz da varanda um atelier de impressão botânica.

Minha casa se tornou assim um casulo, onde me fechei para produzir a infância, esquecer o mundo e passar “horas a fazer novamente o passado na inocência [...], imaginação criativa para um futuro impensável e inimaginável” (COCCIA, 2020). Desse casulo fiz um “ovo pós-natal” capaz de definir “uma esfera onde o ser e o fazer fundem-se em uma terceira dimensão” (id.). Entre passado, presente e futuro (tangíveis apenas pela membrana do fazer e do sentir), busquei unir o que foi ao que ficou, imprimindo a memória das folhas – sua seiva, suas cores – na memória das vidas humanas, em papéis e fronhas velhas e usadas. Na junção dos resíduos humanos e vegetais, tentei captar a vida através dos vestígios deixados pelos organismos vivos (Yves Klein), sobrepondo num único corpo a vida que pulsa à que já se foi, a permanência à impermanência. Descobri nessa ação imersiva o sentido de técnica como “arte de construir casulos” (COCCIA, 2020), que me incluía como sujeito, objeto e meio do ato da transformação. Uma experiência de metamorfose e transmutação que redesenhava matérias e também meu próprio espírito.

Eu descia ao quintal, catava e trazia folhas junto ao corpo, espalhava-as sobre papéis, fronhas e lençóis embebidos em químicos mordentes. Mordia também eu assim o tempo que não volta, criando novas histórias. Enrolava tudo em tocos de bambu e amarrava-os firmemente, como Suzana Spadachinni me ensinou. Cozinhava-os em panelões – os mesmos que prepararam moquecas e mariscos. Lembrei-me da aflição ao ver os siris agonizando na fervura; da algazarra familiar; dos aromas de dendê, peixe e coentro. As borbulhas do agora exalavam outro cheiro. Painéis esfriando, era hora do banho de mar nas águas cálidas da Baía de Todos os Santos. De volta, abria os rolos e tudo era magia, encantamento! As impressões se ofereciam como sudários... testemunhos da reversibilidade da possibilidade de existir. Desse fazer me refazia eu.

Não, não é sobre memória esse trabalho. É sobre vida. Sobrevida.



Imagem 1: Greice Cohn, O Quintal. Fotografia digital do quintal da casa-casulo, dimensões variáveis.  
Itaparica/BA, março de 2020.  
Foto: Greice Cohn, 2020.



Imagem 2: Greice Cohn, Sobreposições: variações entre figuras e fundo 1. Fotomontagem digital, dimensões variáveis. Itaparica/BA, 1971; 1978; 2020. Foto: Greice Cohn, 2025.



Imagem 3. Greice Cohn, Sobreposições: variações entre figuras e fundo 2. Montagem com impressões botânicas sobre fronha e papel, de respectivas dimensões: 44cm X 46cm e 24cm X 17,5cm. Itaparica, 2020  
Foto: Greice Cohn, 2020.



Imagem 4. Greice Cohn, Torá. Fotografia digital de impressão botânica sobre fronha de algodão em processo de secagem, dimensões variáveis. Itaparica, 2020  
Foto: Greice Cohn, 2020.



Imagem 5. Greice Cohn, Flutuação: vestígios de organismos vivos.  
Impressão botânica sobre papel, dimensões: 19,5cm X 18cm.  
Itaparica, 2020  
Foto: Greice Cohn, 2020.



Imagem 6. Greice Cohn, Vestígios de organismos vivos. Fotografia digital de impressões botânicas sobre papel canson, dimensões variáveis. Itaparica, 2020  
Foto: Greice Cohn, 2020.



Imagem 7. Greice Cohn, Sudários. Fotografia digital de conjunto de impressões botânicas em papel sobre mesa, dimensões variáveis. Itaparica, 2020  
Foto: Greice Cohn, 2020.



Imagem 8: Greice Cohn, Colheita. Fotografia digital da mesa de trabalho, dimensões variáveis.  
Itaparica/BA, março de 2020.  
Foto: Greice Cohn, 2020.



Imagem 9. Greice Cohn, Casa-casulo. Fotografia digital da varanda-atelier com impressões botânicas em processo de secagem, dimensões variáveis.  
Itaparica, 2020.  
Foto: Greice Cohn, 2020.

## Referências

BACHELARD, Gaston. *A Póética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARROS, Manoel. *Meu quintal é maior do que o mundo*. Antologia. São Paulo: Editora Alfaguara, 2015.

COCCIA, Emanuele. *Metamorfoses*. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2020.

KLEIN, Yves. In: Patrícia Niedemeyer, filme *Ensaio sobre Yves Klein*. Citação oral. Rio de Janeiro, 2025.